

Jornalismo em contexto de violência. Uma visão dos jornalistas do Jornal Noroeste, em Sinaloa, Mexico*

News casting in a violence Context. An insight surrounding newscasters of the Jornal Noroeste, in Sinaloa, Mexico

■ Ana Carolina Rocha Pessôa Temer y Ana Rosalva Osuna Zamora

Universidade Federal de Goiás (Brasil)

DOI: [10.21204/2359-375X/](https://doi.org/10.21204/2359-375X/)

NOTAS BIOGRÁFICAS

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer é jornalista, professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e Pós doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Contacto: anacarolinatemer@gmail.com

Ana Rosalva Osuna Zamora é jornalista com graduação em Licenciatura Ciências y Técnicas de Comunicación pela Universidad Autónoma de Durango (2007), e experiência na cobertura da violência na região de Sinaloa. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás com Bolsa da Unesco.

Contacto: rosalvaosuna@hotmail.com

Resumo

Este trabalho desenvolve uma análise sobre as condições para o exercício profissional do jornalismo no *Jornal Noroeste*, localizado no Estado de Sinaloa, na região noroeste do México, onde os profissionais de imprensa têm sido vítima de ameaças e abusos supostamente perpetrados por organizações criminosas que tem vínculos com o narcotráfico e por suas ramificações no aparelho estatal. O ponto de partida é a compreensão do jornalismo como atividade essencial para a manutenção do Estado Democrático, cuja principal finalidade é fornecer aos cidadãos as informações verdadeiras e de interesse público. O trabalho envolve entrevistas com jornalistas e dados coletados em entidades de defesa de classe no México e aponta como, mesmo reconhecendo o jornalismo como uma atividade de alto risco nesta região, os profissionais buscam se adaptar para continuar exercendo a profissão. A análise busca diagnosticar como os profissionais de imprensa compreendem e justificam a sua atividade profissional.

Abstract

This paper develops an analysis regarding the conditions for the exercise of news casting as a profession in the *Jornal Noroeste*, on the Sinaloa's state, in Mexico's northwestern region, where press professionals have been victims of threats and abuse supposedly perpetrated by criminal organizations that have ties with the drug trade business and its forking on the state bureaucracy. Having as a starting point that news casting is an essential activity for the maintenance of the Democratic State and

* Jornalismo em contexto de violência. Uma visão dos jornalistas do Jornal Noroeste, em Sinaloa, Mexico foi originalmente publicado na *Revista Âncora*, - *Revista Latino-americana de Jornalismo*, da Universidade Federal da Paraíba, 4 (1), 186-205. DOI: [10.21204/2359-375X/](https://doi.org/10.21204/2359-375X/)

Recebido em 22 de Janeiro De 2017 Aceito em 02 de Abril De 2017.



that its main goal is to provide citizens with true information that is of the public interest, the paper encapsulates interviews with journalists and data collected with class defense entities in Mexico and points to how, even understanding journalism as being a high risk activity in this region, the professionals try to adapt to keep on practicing the profession. The analysis' goal is to diagnose how press professionals of this medium understand and justify their professional activity.

Palavras-chave

Comunicação, Jornalismo, México, Violência, Rotinas de trabalho

Keywords

Communication, Journalism, Mexico, Violence, Newsmaking.

Sumário

1. Liberdade de imprensa e democracia no Mexico
2. Comunicação e Jornalismo
3. Breves anotações sobre a imprensa em Mexico
4. Dando voz aos jornalistas: escutar e entender
5. A rotina de um jornal mexicano em um contexto de violência
6. Jornalistas vítimas da impunidade
7. Noroeste: um jornal sitiado pela violência
8. Por que ainda fazer jornalismo?
9. O que os jornalistas não falam...
10. Uma profissão de risco

Contents

1. Freedom of the press and democracy in Mexico
2. Communication and Journalism
3. Brief notes on the press in Mexico
4. Giving voice to journalists: listen and understand
5. The routine of a Mexican newspaper in a context of violence
6. Journalists victim of impunity
7. Noroeste: a newspaper besieged by violence
8. Why still do journalism?
9. What the journalists do not say ...
10. A profession of risk

1. LIBERDADE DE IMPRENSA E DEMOCRACIA NO MÉXICO

Em 1533 o México tornou-se o primeiro país da América a ter uma imprensa (Marques de Melo, 2003)¹. Apesar dessa conquista, da independência do México e da Revolução Mexicana, a liberdade de imprensa no México tem sido marcada por conflitos com o Estado e pelas ações do crime organizado.

Embora atualmente o país possua veículos de comunicação economicamente consolidados, a imprensa convive com a violência do crime organizado e a impunidade, e consequentemente com a autocensura dos repórteres e profissionais de imprensa. A ineficiência e a omissão no combate os grupos ligados ao narcotráfico gera suspeita da conivência do Governo Federal Mexicano com as máfias de drogas e outros aspectos, 'especialidades' do crime organizado, que em muitos casos tem ramificações no vizinho Estados Unidos.

As suspeitas sobre essa aliança ficaram mais perceptíveis no governo do presidente Vicente Fox Quesada (2000-2006), do Partido Ação Nacional.

No governo de Felipe Calderón, agredia-se um jornalista a cada 48.1 horas. No tempo em que o presidente foi Enrique Peña Nieto, a mesma agressão era feita cada 26.7 horas. O deterioramento da liberdade de expressão é real, tangível e medível. O estado de censura é generalizada. (Article 19, 2015, p. 15. Tradução nossa).

A partir deste período cresceram também as dificuldades e os desafios para os profissionais jornalistas mexicanos. Durante o ano de 2014, em todo o país, ocorreram 326 agressões aos profissionais da imprensa, muitas delas feitas por funcionários públicos, em muitos casos suspeitos de ter conexões com o narcotráfico. As agressões somam cinco jornalistas mortos, dois desaparecidos, além 142 agressões físicas e materiais, 53 intimidações, cinco acusações de difamação e calúnias, 45 detenções, um exílio, 44 ameaças, 12 ataques cibernéticos, 14 perseguição judi-

ciais e, por fim, duas criminalizações (Article 19, 2015).

Embora o contexto nacional seja grave, a situação é ainda pior no Estado de Sinaloa² no noroeste do México, região afetada pela disputa dos cárteis de drogas e apontada como zona de perigo para o exercício do jornalismo pela organização não governamental Article 19 (2015). Apesar desta condição, o narcotráfico e os cárteis de droga, entre eles o Cártel de Sinaloa, estão sempre presentes nas páginas jornais. Para os jornalistas, no entanto, manter estas pautas não tem sido uma tarefa fácil.

Nesta dupla tarefa de tentar proteger e produzir uma cobertura de qualidade que está abarcando o jornalismo mexicano, a taxas irregulares e com sucesso variável, com heróis que tentam denunciar, mortos que não podem fazer nada e muitos repórteres de mídia e editores forçados a vestir a camisa de força da autocensura. (Medel, 2010, p.14. Tradução nossa).

A atuação dos jornalistas mexicanos aponta que os profissionais de imprensa do México estão fortemente contaminados pela percepção de que a prática jornalística é um serviço público essencial para a manutenção dos regimes democráticos, uma vez que cabe a atividade fornecer aos cidadãos as informações necessárias ao exercício da cidadania (Traquina, 2005, p.48) e pela noção que a imprensa tem por finalidade fornecer aos cidadãos as informações que necessitam para serem livres e se autogovernarem, (Kovach e Rosenstiel, 2004, p. 31).

O estudo questiona se estes elementos estão presentes nos discursos dos jornalistas do *Jornal Noroeste*, em Sinaloa; e as estratégias que estes profissionais desenvolveram para manter/justificar suas atividades em um contexto de violência. Embutida nesta questão encontra-se também o questionamento sobre como estes profissionais entendem a importância do jornalismo.

A metodologia utilizada envolve a fundamentação teórica sobre o jornalismo e sua

¹ Os primeiros jornais impresos surgiram na América Latina respectivamente no México, e sete anos mais tarde na Guatemala e em seguida no Peru.

² Sinaloa se localiza na costa Pacífica, na região noroeste do México. O Estado, cuja capital é a cidade de Culiacán Rosales, tem uma população inferior a três milhões de habitantes e se destaca na economia mexicana pela produção agrícola altamente mecanizada e pela pesca. Em termos gerais, é um estado com marcantes desigualdades sociais, que são agravadas pela presença dos narcotraficantes, cuja atuação na região remonta a década de 1960, mas com um crescimento que atravessou as décadas seguintes para despontar de forma exponencial a partir de 2008.

relação com as democracias modernas, uma revisão bibliográfica sobre o jornalismo no México e, particularmente, no estado de Sinaloa e pesquisa documental nas organizações não-governamentais, como contraponto com as informações oficiais do governo mexicano, além de uma análise etnográfica, fundamentada em entrevistas em profundidade com jornalistas do *Jornal Noroeste*.

2. COMUNICAÇÃO E JORNALISMO

Nas palavras de Leñero e Marin, “O jornalismo é uma forma de comunicação social, através do qual divulga os fatos e análises de interesse público” (1986, p.17. Tradução nossa).

Como “jornalismo” entende-se duas coisas: primeiro, o que diz respeito às pessoas, ao grupo dos atuantes no jornalismo profissionalmente (como ocupação principal) e, segundo, como relação ao conteúdo, à atividade jornalística e aos seus produtos em conjunto (Groth, 2011, p. 323).

O Jornalismo tem ligação histórica com a liberdade e a verdade, ou seja, a verdade jornalística diz respeito ao fato real efetivamente acontecido; é o real palpável e atual, divulgado de forma clara. A partir desta proposta, uma imprensa independente e livre de restrições é necessária para fortalecer as democracias, oferecendo aos cidadãos livres a possibilidade de acessar as informações importantes para as decisões políticas e sociais que irão fundamentar suas ações. O jornalismo faz com que as pessoas tenham consciência de seus direitos, transformem suas ideias e crenças, fundamentando-os para uma possível postura crítica sobre o que acontece ao seu redor e para defesa dos seus direitos enquanto cidadãos. Desta forma, o essencial do jornalismo “[...] não são as técnicas, os usos ou os mercados, é a capacidade de vincular as ferramentas cada vez mais eficazes para valores democráticos” (Wolton, 2005, p.10).

Yturbe (2001, p. 55) define a democracia como “Aquilo que é caracterizado pelo estabelecimento do sufrágio universal, o respeito dos direitos políticos, e as liberdades indivi-

duais, a pluralidade das opções partidárias, as possibilidades de dissenso, as eleições periódicas, etc.”. Mas a democracia só existe com o a cidadania: o direito de cada indivíduo ser respeitado como membro da comunidade, com possibilidade de participação política e oportunidade de dar voz às suas propostas e reivindicações, de ser inseridos na vida social. A cidadania envolve o respeito aos direitos individuais – os Direitos Humanos – o que inclui a liberdade de expressão³ e o direito de cada cidadão se informar para participar de forma consciente nos diferentes aspectos da vida social, incluindo a autogestão de sua vida e a escolha dos governantes.

Desta forma, o direito de liberdade de expressão, no qual está envolvido o jornalismo, não é o simples direito de dar informações, é, em si, a voz de uma sociedade que quer ser democrática para evitar a unidirecionalidade da informação.



Fonte: IONSA/ Arquivo do *Jornal Noroeste*

Dito isso, é necessário deixar claro que o direito a informação evoca a garantia de direitos para o profissional do jornalismo. Para o exercício do (bom) jornalismo, o jornalista que deve ter liberdade e condições materiais – entre elas a segurança garantida pelo estado, para procurar, apurar, escrever, e divulgar informações a partir de uma formação ética, voltada para a defesa da cidadania (Amaral, 1978). Para agir a partir da compreensão de que a informação jornalística vai além da formatação técnica, o jornalista deve compreender e desfrutar da importância/respeitabilidade atribuída a atividade, fundamentada no respeito aos profissionais de imprensa.

³ Artigo 19. Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de ter as suas opiniões, receber e transmitir informações e ideias e difundir, sem consideração de fronteiras, por qualquer meio de expressão. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948).

3. BREVES ANOTAÇÕES SOBRE A IMPRENSA NO MÉXICO

A chegada da imprensa na Nova Espanha (México) ocorreu com a circulação do *Mercurio Volante*, folha-jornais de conteúdo predominantemente político, no ano de 1539. Passado o período colonial, o Presidente Porfírio Díaz (1876) apoiou a abertura do jornal *El Imparcial*, veículo que ainda permanece em circulação em alguns estados da República Mexicana. No seu período inicial era um jornal simples, e seu objetivo declarado era informar sobre as ações do governo, mas somente acessível para pessoas com educação e maior poder aquisitivo. (Secanella, 1986, p.8).

Em Sinaloa o primeiro jornal imprensa foi *El Espectador Imparcial*, que começou a circular em fevereiro de 1827, na comunidade Real de Minas de Cosalá. Posteriormente, foi inaugurado o jornal *Celajes* na Cidade de El Fuerte. Em 1855, foi criado o *El correo de la tarde*, em Mazatlán, que, já naquela na época, primeiro a adotar uma postura mais crítica e contrária em relação ao governo local e federal (Olea, 1995, p.22).

O surgimento da imprensa não representou um compromisso democrático, uma vez que os veículos eram controlados pela censura ou pressionados/manipulados pelo governo federal. O debate sobre a liberdade de imprensa se tornou mais forte com a chegada ao governo do Partido Ação Nacional, no ano 2000, que fez um pacto com os meios de comunicação⁴, cujo resultado foram cinco anos de maior liberdade para a imprensa⁵. Embora venha reconquistando lentamente maior liberdade de atuação, essa situação se reverteu novamente com a volta ao poder do Partido Revolucionário Institucional. Atualmente a imprensa mexicana ainda convive com res-

trições legais e principalmente com a falta de respeito às leis que protegem a atividade.

Traduzido em números: "... cerca de sessenta jornalistas foram mortos no México desde 2000, 12 deles só em 2009." (Medel, 2010, p. 15. Tradução nossa). Em Sinaloa o Jornal Noroeste registrou 47 ataques a seus profissionais em apenas três anos, sendo que o mais recente ocorreu em abril de 2014. As organizações que defendem a liberdade de expressão no México acusam a presença de agentes do Governo do Estado nestas agressões, especialmente porque o jornal faz críticas sobre o uso de recursos públicos e sobre a administração do Estado.

Medel (2010, p. 49) afirma: "México tornou-se um dos países mais perigosos do mundo para jornalistas." Essa informação é corroborada pelo *Comité para la Protección de Periodistas*, que em 2015 apontou o México como o oitavo país mais perigoso para exercer essa profissão.⁶

As agressões contra os jornalistas, sistematicamente vinculadas com a cobertura dos fatos policiais e do crime organizado, são também decorrentes da cobertura e pesquisa dos casos de corrupção do poder político, de onde acontecem ameaças e agressões os profissionais de imprensa. Os resultados destas ações incluem um maior cuidado dos meios de comunicação em relação à redação de seus conteúdos, ocorrendo, em alguns casos, a autocensura.⁷

4. DANDO VOZ AOS JORNALISTAS: ESCUTAR E ENTENDER

Em função do problema proposto, buscou-se desenvolver a pesquisa em duas etapas, sendo a primeira uma leitura crítica do jornalismo no México e, em particular, no Estado de Sinaloa, por meio de levantamento

⁴ É importante destacar que além das mídias oficiais ou empresárias, existe no México uma imprensa alternativa. Destacam-se, entre estes veículos alternativos, a revista *Proceso*, o *Blog del Narco*, os jornais *Uno más uno* e *La Jornada*, da rádio *Radioactivo*.

⁵ A Constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos dispõe sobre a liberdade de expressão, nos artigos 6 e 7, que diz textualmente: É inviolável a liberdade de difundir opiniões, informação e ideias através de qualquer meio. Não pode ser restringido este direito por vias ou meios indiretos, tão como o abuso de controles oficiais ou particulares, o papel para jornais, frequências radioelétricas ou de aparelhos usados na difusão de informação ou por outros meios e tecnologias da informação e comunicação encaminhados a impedir a transmissão e circulação de ideias e opiniões. (DOF, 2017. Tradução nossa).

⁶ Segundo a lista citada, os países mais perigosos para o exercício do jornalismo são: Síria, França, Brasil, Sudão do Sul, Iraque, Iêmen, Bangladesh e México, sendo que Brasil e México são os países desta lista que não participam de conflitos bélicos e/ou foram alvos do terrorismo fundamentalista. (*Comité to Protect Journalists*, 2015).

⁷ Consideramos autocensura como o ato do jornalista censurar a si mesmo, de colocar limites em sua liberdade de expressão, apesar da aparente falta de ingerência, de pressão ou de ameaças externas. Normalmente, a autocensura não é uma ação infundada: ela ocorre por medo de consequências futuras, em uma espécie de negociação prévia do que pode ser dito.

de dados bibliográficos e das denúncias de órgãos não governamentais. Em seguida foi desenvolvida uma pesquisa de campo fundamentada na metodologia etnográfica e de orientação crítica, cuja base foi entrevistas em profundidade posteriormente analisadas de forma qualitativa.

Entende-se que esta etnografia da mídia é um método de pesquisa aberto, no qual a observação e as entrevistas são direcionadas, mas não dirigidas, permitindo que o resultado evidencie a descrição do fenômeno de estudo (Guber, 2001; Caiafa, 2007). Destaca-se ainda que a escolha pelo método do tipo etnográfico⁸, ou etnografia da mídia, tem como base a tradição deste modelo nos estudos sobre comunicação, mas também pela possibilidade de contato direto com os indivíduos a serem pesquisados e ao domínio da ferramenta entrevista, bastante utilizada no próprio exercício profissional do jornalismo.

A proposta do trabalho foi dar voz aos jornalistas diretamente envolvidos em situações em que a liberdade de expressão é ameaçada. Em função disso foram realizadas entrevistas com 12 jornalistas do *Jornal Noroeste*⁹ que foram publicamente ameaçados ou comprovadamente vítimas de violência. Entre os entrevistados estavam jornalistas que exercem diferentes cargos na direção ou chefia, mas também repórteres e fotojornalistas. O objetivo foi entender como eles entendem a profissão a partir de elementos como responsabilidade social e respeito à cidadania, mas também buscando detalhar como o exercício jornalístico é afetado por ações intimidantes e/ou violentas.

As entrevistas foram realizadas na primeira metade do ano de 2016, no horário e área de trabalho dos jornalistas, opção considerada mais segura pelos próprios jornalistas. De forma a auxiliar, utilizou-se um breve roteiro, sendo as perguntas adaptadas e ou acrescentadas em função das respostas, reações e experiências dos entrevistados. As entrevistas foram gravadas e apoiadas com anotações que permitiram registrar comportamentos, ambientes e números, em caso de algum entrevistado trazer dados ou documentos. De forma indireta, também foram considerados os elementos subjetivos do texto (as-

suntos evitados, constrangimentos, etc), bem como a linguagem corporal dos entrevistados e outros aspectos pertinentes.

Ressalta-se que os jornalistas são compreendidos neste trabalho como atores sociais privilegiados uma vez que têm uma visão diferenciada da realidade, mas também são sujeitos sociais inseridos em um contexto social, político e econômico sobre o qual não tem total controle, mas com o qual interagem, interferindo por meio de suas ações na própria complexidade deste contexto. Nesta situação, os jornalistas são ao mesmo tempo vítimas do contexto e agentes de sua manutenção/transformação, uma vez que dialogam com a sociedade e interferem nesta realidade social.

Uma vez que o objetivo da pesquisa incluiu detectar e analisar a percepção destes profissionais sobre o jornalismo e quais são as motivações para continuar atuando na profissão, foi dado destaque as falas que incluírem menções às técnicas de improvisação/sobrevivência, e aquelas que evidenciam citações como responsabilidade social e cidadania, mas igualmente destacando referências sobre como a violência afeta o desempenho profissional.

5. A ROTINA DE UM JORNAL MEXICANO EM UM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA

Em Sinaloa, dentro de prédios com câmeras e aparatos de segurança, os jornalistas trabalham em um ambiente cheio de correria, com cheiro de café e comida rápida, materias por escrever, telefones tocando e uma lista de atividades pendentes por cobrir. Neste ambiente, foram realizadas doze entrevistas com jornalistas de longa trajetória profissional, que pararam suas atividades para relembrar suas experiências e narrar lembranças. O primeiro ponto de destaque nestes depoimentos é a sua própria percepção sobre rotina de trabalho.

Os jornalistas entrevistados destacam que o tempo e precisão são dois elementos básicos dentro da cobertura noticiosa: a informação jornalística é um produto perecível e seu valor está ligado a verdade/veracidade do fato. Essa relação afeta a dinâmica pes-

⁸ A etnografia pressupõe imersão, e etnografia da mídia envolve um conhecimento das rotinas de produção de conteúdos jornalísticos e um contato aprofundado com produtores e/ou consumidores e produtos midiáticos, daí a utilização do termo 'tipo etnográfico' ou 'etnografia da mídia.' (Guber, 2001; Caiafa, 2007).

⁹ Os nomes foram propositalmente omitidos, para evitar constrangimentos e retaliações.

soal do profissional da imprensa, que tende a ver na profissão uma atividade de grande responsabilidade social, o que conduz a uma breve análise da questão da formação profissional.

No México, os estudantes de jornalismo ou comunicação geralmente estão ligados à faculdade de Ciências Sociais. A graduação dura cinco anos, e o *trabalho de campo*¹⁰ ocorre apenas nos semestres finais, mas durante esta formação acadêmica dificilmente um estudante é alertado sobre a situação de violência com a qual convivem os profissionais ou mesmo instrumentalizado para trabalhar em situações de risco.

A inserção no mercado de trabalho é condicionada por aspectos principais: o interesse das empresas em novos profissionais que aceitam trabalhar com baixos salários para *adquirir experiência*; e a preferência por jornalistas do sexo masculino, considerados mais aptos para a cobertura das questões relacionadas à violência.

Vencida essa barreira, a rotina profissional do jornalista no México tem algumas particularidades: todas as manhãs os jornalistas que chegam às redações devem passar por um cuidadoso protocolo de segurança, pois os jornais são áreas de segurança máxima. O jornalista faz seu registro de entrada, pega um jornal do dia para ver as notícias que aconteceram no dia anterior, anotando os tópicos que podem ter alguma reação na sua localidade. Uma atenção especial é dada as *notas vermelhas*, espaço no qual são colocadas às matérias sobre assassinatos, sequestros, desaparecimentos, enfrentamentos de narcotraficantes contra policiais e confiscos ao narcotráfico.

As *notas vermelhas* afetam diretamente o trabalho diário: elas informam as ruas que podem ser percorridas, fontes que já não são possíveis contactar e até mesmo se o profissional poderá identificar-se como jornalista. Nas situações em que o veículo de imprensa/jornal é diretamente ameaçado por grupos criminosos, os chefes ligam para seus subordinados muito cedo, avisando para não usem roupas ou qualquer identificações que possam vinculá-lo ao jornal, e até mesmo para que mudem seu trajeto para chegar ao trabalho. Também é recomendado ações de

segurança individual: os jornalistas devem observar se estão sendo seguidos e avisar frequentemente sua localização.

Após ler as notícias o repórter busca sua pauta/ordem de trabalho, sendo que quando é necessária a cobertura de um fato diretamente relacionado ao crime organizado, os jornalistas são enviados em pares ou até em grupos maiores, sob a recomendação de manter contato constantemente com os seus chefes. Caso sejam ameaçados no local onde está fazendo a cobertura, os jornalistas são orientados a parar o trabalho e ligar para os chefes ou encarregados. Nesse caso, a redação da notícia é feita a partir de dados obtidos de forma não presencial, com a checagem dos dados a distância. Também é preservada a autoria do texto.

Ao finalizar o dia o repórter somente é liberado para terminar o seu turno de trabalho após checar com aos seus chefes se existe alguma limitação - de trabalho, mas principalmente algum tipo de ameaça - que impeça sua volta para casa. Destaca-se que durante todo o dia as tecnologias de comunicação são usadas constantemente. Mensagens, *whatsapp*, grupos de discussão, localizadores, entre outros aplicativos, acompanham os jornalistas no seu trabalho, avisando sobre situações de risco, mudanças de abordagens, localização dos colegas, etc.

Embora todas essas ações sejam tomadas em nome da segurança, elas implicam também em um controle direto do trabalho dos jornalistas. Dentro desta rotina, fica claro que a os jornalistas no México estão sujeitos a diferentes tipos de controle:

Hoje a imprensa no México exerce se embaixo três fogos: o do crime organizado e narcotráfico, o do poder político e o poder empresarial. Preocupa que os jornalistas sejam tão desprotegidos. (Buscaglia, 2013, p.206. Tradução nossa).

6. JORNALISTAS VÍTIMAS DA IMPUNIDADE

Durante as entrevistas, uma das primeiros aspectos chama atenção nos discursos é que a preocupação, muitas vezes expressa pelo termo *amor*, que os jornalistas declaram pela verdade e pela justiça; e o repúdio que têm

¹⁰ Atividades semelhantes a um estágio.

contra a impunidade e a corrupção do sistema governamental. Os entrevistados também destacam que a busca pela verdade é, no jornalismo exercido no estado de Sinaloa, é remar contra a corrente: “Sinaloa é a décima entidade no México com mais ataques contra a liberdade de expressão em sete anos. Em suma, pelo menos 67 casos foram registrados...” (Article 19, 2015, p. 44. Tradução nossa).

Todos definiram a liberdade de expressão como uma utopia, um direito inexistente, uma ilusão. Os jornalistas entrevistados expuseram que convivem diariamente com ameaças diretas, feitas em contatos pessoais, ou indiretas, por meio de ligações telefônicas ou por meios eletrônicos, ou até mesmo o confisco arbitrário de material – principalmente o fotográfico - e agressões físicas.

As agressões que foram registradas em 2014 em Sinaloa são: um caso de ameaça, dois assassinatos, uma desapareição, duas detenções ilegais, três agressões físicas, um intento de apagar material fotográfico, dois roubos e uma censura informativa. (Article 19, 2015, p. 44. Tradução nossa).

No transcorrer de cada entrevista, os jornalistas falaram diretamente ou indiretamente sobre o medo, a vulnerabilidade que sentem no trabalho. Muitos destacaram as práticas e protocolos de segurança, e admitiram que necessitam de ajuda psicológica para lidarem com cenas violentas, traumas, ameaças e o exílio forçado (deles mesmos, da família ou dos colegas).

Primeira Página do *Jornal Noroeste* em 2 de Setembro de 2010, um dia após um ataque de intimidação de uma facção de narcotraficantes

Mas também colocaram que ser jornalista é uma carreira apaixonante, que sentem que tem um

compromisso social de denúncia e defesa da cidadania, atuando como partes privilegiadas de um jogo que, se não se sabe as regras, paga-se um preço muito alto. Da mesma forma, reafirmam que a ideia que *ser jornalista é ser a voz do povo*, enfrentar as injustiças, lutar pelos direitos humanos e pela cidadania.

No conjunto dos depoimentos, é marcante a presença da questão da impunidade. Todos se recordam do dia em que o *Jornal Noroeste* foi metralhado (01/09/2010).

A data é descrita pelos jornalistas como um dia de trabalho comum, marcado por conflitos, também comuns, com os narcotraficantes, que insistiram que os jornais servissem de *mensageiros*, publicando conteúdos elaborados por eles. Quando isso não foi feito, os narcotraficantes divulgaram panfletos, colocados próximos a cadáveres de um homem executados por eles.

Os jornalistas compreenderam tratava-se de uma estratégia para divulgar o conteúdo dos panfletos e, por decisão editorial, permaneceram falando das mortes e da localização onde os panfletos eram fixados, e não do seu conteúdo. Seguiu-se então um conflito entre grupos rivais, nas avenidas principais de Mazatlán, em Sinaloa, onde duas pessoas foram feridas a bala. O fato foi publicado no site do jornal, mas os líderes do grupo que *ganhou a disputa*, revoltou-se porque a sua vitória

não foi detalhada na versão impressa do *Jornal Noroeste*, líder de vendas na cidade. Na madrugada, o jornal recebeu uma ligação advertindo que os nomes das vítimas e as locais nos quais estavam internados deveriam ser detalhados, pois representavam a comprovação de que o *trabalho estava feito*, um aviso para os adversários. Os editores se negaram a cumprir as orientações dos narcotraficantes e a ameaça foi cumprida: 60 balas expansíveis de calibre AK-47 foram disparadas contra o jornal.

No dia seguinte ao jornal ter sido baleado,



Fonte: *Jornal Noroeste*/ 2 de setembro de 2010

foram uma facção rival colocou faixas nas ruas acusando governo federal de proteger ao Cartel de Sinaloa. Concomitantemente, o prédio do jornal teve que ser desocupado em função de uma ameaça de bomba. O objetivo da denúncia era a publicação do fato no jornal.

Outro fato marcante na memória dos jornalistas ocorreu no dia 3 de julho de 2011, quando foi encontrado no estacionamento do edifício um corpo decapitado, com uma mensagem que estava assinada por *Los Zetas* e *Los Beltrán Leyva*. A questão repercutiu em muitos meios de informação internacionais, mas ele foi desqualificado e mal investigado pelas autoridades locais, que não encontraram os culpados. Pouco tempo depois, o mesmo grupo deixou uma carta pública, colocada ao lado de um corpo decapitado de um jovem de 16 anos, reafirmando sua capacidade de criar terror.

Além das ameaças coletivas, as ameaças pessoais são comuns. Um fotojornalista, que trabalha há 15 anos cobrindo a área policial, se recorda de ter sido ameaçado cinco vezes. Em uma destas ocasiões a ameaça foi feita durante a cobertura de um assassinato, em frente aos membros da polícia que cuidavam a ocorrência. Temendo pela segurança do jornalista, as fotos não foram publicadas.

Outra ocorrência marcante foi a ameaça e posterior auto-exílio temporário da jornalista que cobriu a detenção do narcotraficante mais procurado do México e Estados Unidos, Joaquín Guzmán Loera. Segundo dados informados por essa profissional, 30% dos jornalistas agredidos são mulheres, e já tentaram estuprá-la. “...também já fui ameaçada pelo telefone na minha casa, outra vez me privaram da minha liberdade enquanto fazia a cobertura de um protesto.” Sua última agressão foi denunciada diante três procuradores, no Setor especial para a Atenção de Crimes cometidos contra a liberdade de expressão. Ela reconheceu a pessoa que a atacou, mas como é um funcionário do Estado, não pode ser preso.

Segundo um representante da direção do *Jornal Noroeste*, pessoalmente vítima de ataque físico e tentativas de sequestro¹¹, o jornal

tem sido “... vítima de ameaças e violência por procurar informar com a verdade”. Ainda assim, ele destaca que o jornalismo tem marcado a sua vida pelas satisfações que a profissão traz.

7. NOROESTE: UM JORNAL SITIADO PELA VIOLÊNCIA

Segundo os jornalistas entrevistados, a violência gerada pelo crime organizado é frequente em todos os municípios do estado de Sinaloa. Diante deste cenário, lembram que o *Jornal Noroeste* desenvolveu um código de ética¹² e critérios editoriais para tratar as informações relacionadas ao crime organizado, colocando a totalidade da informação policial apenas na seção de Segurança e Justiça, além de aumentar o cuidado com o conteúdo fotográfico. Decidiu-se também não publicar as mensagens dos narcotraficantes, que são sistematicamente substituídas pela manchete *Não vamos ceder*.

Mas ameaças continuaram e em 2004 o fotojornalista do jornal *O Debate*, Gregorio Rodríguez Hernández, foi assassinado em Sinaloa. Em Sonora desapareceu o repórter Alfredo Jiménez Mota, jornalista do *O Imparcial*, mas que já tinha trabalhado Sinaloa e era conhecido por sua cobertura de ações policiais. Em 2007, foi morto o porta voz de Segurança do Governo, Jesus Aguilar Padilla e o ex-presidente da Associação de Jornalistas e Comunicadores 7 de Junho, Óscar Rivera Inzuna. Em 2009, foi sequestrado e morto o jornalista do *Linha Direta*, José Luis Romero.

Uma pressão ainda mais direta sobre o jornal se iniciou no dia 23 de fevereiro de 2014, um dia após a apreensão do chefe do cartel de Sinaloa, Joaquim ‘El Chapo’ Guzmán Loera. Como a notícia se difundiu internacionalmente, seguiram com as investigações pertinentes. No dia 24 de fevereiro a página do *Jornal Noroeste* na internet recebeu ameaças e acusações sobre a linha editorial. No dia 25 de fevereiro um fotojornalista foi ameaçado e obrigado a apagar as fotos que havia tirado justo no local onde o narcotraficante mencionado anteriormente foi capturado. Depois, em marchas a favor de Guzmán Loera, três

¹¹ A autoria destas ações, bem como de outras ameaças aos jornalistas, é atribuída a rede de corrupção de policiais e políticos vinculados com o narcotraficante Joaquín ‘El Chapo’ Guzmán, então procurado pela Interpol e pelo FBI dos Estados Unidos.

¹² O conteúdo deste código está acessível em <http://www.noroeste.com.mx/codigo-etica/>

jornalistas¹³ foram agredidos e seus equipamentos de foto e vídeo foram roubados.

8. POR QUE AINDA FAZER JORNALISMO?

As palavras mais repetidas durante as entrevistas foram: medo, precaução, segurança, narcotráfico, polícia e autoridades, o que evidencia a angústia destes profissionais. A totalidade dos entrevistados destacaram que sabiam de antemão que a profissão de jornalista é arriscada, mas não definem com precisão o motivo da escolha profissional. Reafirmam sua preocupação com a ausência de cobertura aos profissionais de jornalismo da região com seguros de vida fornecida pela empresa, e reclamam porém alguns casos, terem que pagar 'seguranças' para trabalhar. Todos também reclamam que o salário é baixo em comparação aos perigos que enfrentam, e que são obrigados a cobrir diretamente os tratamentos médicos decorrentes das agressões, multas ou auto-exílios temporários. De uma forma geral, a principal preocupação é a falta de uma resposta do Estado frente às ameaças, mas também se ressentem do aumento dos ataques cibernéticos, que são ignorados pelas autoridades.

Outra questão que os repórteres entrevistados relatam é a coragem necessária para 'fazer' jornalismo de investigação, e que o risco se estende às suas famílias e a sua privacidade. Um dos entrevistados afirma: "Não tive medo, era mais que nada preocupação do que podia acontecer com a minha família... me confundiram com meu irmão, e tive ensinar a ele o protocolo que fazemos no jornal em caso de algum atentado ou situação de risco."

Outra jornalista afirma que trabalhar com jornalismo exige que a pessoa seja mais precavida, que respeite certos protocolos de segurança e os prolonguem para sua família. "Sei que tenho que andar com cuidado, mudar constantemente minhas rotas quando volto para casa e checar constantemente que ninguém está me seguindo...". Um deles diz: "... inicialmente você não tem dimensão do perigo, mas com o tempo, vendo de outro ângulo, percebe um risco e então muda sua perspectiva de trabalhar com jornalismo."

Diagramador e fotógrafo, outro entrevistado comenta que apesar da sua paixão por fotojornalismo ir além do medo, entra em pânico toda vez que o ameaçam: "...pensei que eram fogos de artifício, mas não, eram oito pessoas armadas, saí correndo, me escondi e, no final, três pessoas ficaram feridas e uma morreu... depois me falaram que haviam me procurado para matar."

Por fim, quase com um suspiro, destacam a paixão pelo jornalismo e que não saberiam fazer outra coisa. Da mesma forma, é comum comentarem que a motivação para o trabalho é o reconhecimento (do público e dos colegas) e a satisfação de ver a informação publicada.

9. O QUE OS JORNALISTAS NÃO FALAM...

No transcurso das entrevistas aos membros do grupo *Jornal Noroeste* existem aspectos que não foram ditos diretamente, mas ainda assim se destacam. Entre eles se inclui a baixa remuneração pelo seu trabalho¹⁴, as exigências profissionais - "tem hora para começar, não tem para terminar" - e o estresse constante de conviver com os protocolos de segurança.

Como uma extensão do trabalho, todos os jornalistas entrevistados falam de suas estratégias de sobrevivência: criar um perfil dos agressores, compartilhar dados com os colegas para identificar pessoas e áreas de riscos, analisar o alcance (capacidade) econômico dos possíveis agressores e/ou políticos, discutir a seriedade das ameaças, previamente identificando o tipo de ajuda que pode necessitar. Outro aspecto que se destaca nas é a necessidade de obter o máximo de informação possível em uma única entrevista, pois isso evita voltar ao local da cobertura.

Os perigos do exercício profissional transbordam nos detalhes: os jornalistas entrevistados tem uma lista de contatos com os nomes que podem recorrer em caso de uma emergência: familiares, companheiros de trabalho, organizações de defesa de direitos humanos, advogados e autoridades públicas. Também é são descritas ações que evidenciam uma situação de monitoração constante, detalhes que informam seus chefes, colegas e familiares sobre seus deslocamentos.

¹³ Um em Guamúchil e os outros dois na capital do estado, Culiacán.

¹⁴ O salário de um jornalista básico ou também conhecido como salário mínimo do profissional é de R\$1.800 no interior da república Mexicana, e de R\$2.500 na capital do país.

Os jornalistas sempre falam de um plano de ação especiais *em caso de uma* 'emergência', e dos cuidados 'normais' de todo jornalista 'deve ter': em casa e trabalho evitar contatos com pessoas desconhecidas, evitar participar de reuniões em lugares não oficiais ou afastados, o uso de equipamentos de segurança, (câmara de vigilância) e a necessidade planos de evacuação e de preservar documentos importantes em lugar seguro.

10. UMA PROFISSÃO DE RISCO

No decorrer dessa pesquisa foi possível constatar que desde o início do jornalismo no México, os jornalistas mexicanos absorveram a visão dos seus vizinhos norte-americanos do jornalismo como elemento essencial para a democracia, mas igualmente percebem que no seu país o exercício livre da liberdade de imprensa esbarra na interferência (ou ineficiência) do Estado. Essa relação se complica na atualidade com a presença dos narcotraficantes e do crime organizado, que se infiltram nas organizações governamentais. Como consequência, pode-se observar claramente que, em Sinaloa, os jornalistas sentem que vivem em um estado de guerra no qual as ameaças surgem simultaneamente do poder público e o crime organizado.

Essa relação se traduz também em outro aspecto, a falta de confiança nas instituições do Estado, relação que se origina em uma impunidade que vai além da falta de competência, uma vez que, na opinião dos jornalistas, se origina na convivência entre o crime organizado e as autoridades políticas e administrativas, que veem como corruptas.

Em contrapartida, os discursos dos jornalistas destacam constantemente a necessidade da imprensa atuar em defesa da democracia e do Estado de direito, sua função de promover cidadania, de forçar a prestação de contas por parte das autoridades institucionais. Ainda assim, o diálogo com alguns preceitos essenciais ao jornalismo, como responsabilidade social, cidadania, direitos humanos, liberdade de expressão, funções do jornalismo, por exemplo, tendem a ficar

solto, transformados em clichês, ou mesmo ausente dos discursos, denotando uma aparente falta de conceituação desses princípios, ou mesmo de preocupação com eles.

Em geral é possível dizer que os jornalistas assumem uma visão pragmática, na qual não importa o que é jornalismo (ou democracia, cidadania, etc) mas o próprio *fazer jornalismo*, ou os resultados práticos de suas ações enquanto jornalistas. Consequentemente, os discursos se centram nos dramas imediatos: as situações de risco imediatos, a necessidade de liberdade de ação, de tempo e segurança, os casos e histórias de vida e sobrevivência.

Também fica claro que a situação de violência afeta o conteúdo dos veículos: cercados pela violência os jornalistas optam por proteger os próprios colegas em detrimento da publicação de detalhes ou mesmo algumas informações. Descrita como uma *profissão de risco* – que sem dúvida exige coragem – a pesquisa aponta também que a questão da remuneração profissional, do reconhecimento dos colegas de profissão e da expectativa de um reconhecimento público é um aspecto relevante.

Fica claro que os jornalistas de Sinaloa se sentem ao mesmo tempo orgulhosos de sua prática profissional, mas também desalentados sobre o seu próprio futuro e a sobrevivência da profissão. Seus discursos estão impregnados pela percepção da importância do jornalismo como elemento que denuncia o desequilíbrio social, elemento essencial para a democracia e para que a sociedade possa ter as informações necessárias para fazer escolhas e lutar contra o que consideram abusos, mas não discutem os aspectos de fundo que conduziram a esse cenário. De uma forma geral eles mesmos não se sentem cidadãos e apontam que a força – o poder – atribuído ao jornalismo não os protegem enquanto profissionais do jornalismo. Em um contexto no qual a sobrevivência do jornalismo convive diretamente com a incerteza de sobrevivência pessoal, os jornalistas se respaldam mais nas ações do que em certezas, em intenções mais do que em esperança.

►Referências Bibliográficas

- Amaral, L. (1978). *Jornalismo: matéria de primeira página*. Brasília: Tempo Brasileiro.
- Article 19 (25 de marzo de 2015). Article 19, *Media*. London, UK: México: Article 19 lanza informe anual "Estado de censura" Recuperado em <https://www.article19.org/resources/mexico-article-19-launches-annual-report-state-censorship/>
- Buscaglia, E. (2013). *Vacíos de poder en México: cómo combatir la delincuencia en México*. México: Debate.
- Caiafa, J. (2007). *A pesquisa etnográfica: aventura das cidades, ensaios e etnografías*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Comitée to Protect Journalists. *71 journalists killed in 2015*. (2015). Recuperado em: 19 janeiro de 2016 de <https://cpj.org/killed/2015/>
- Diario Oficial de la Federación (octubre 2017). Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos. Ciudad de México: México, [Archivo en pdf] . *Constitución Política de los Estados Mexicanos* Recuperado em <http://dof.gob.mx>
- Groth, O. (2011). *O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais*. São Paulo: Vozes.
- Guber, R. (2001). *La etnografía, método campo y reflexividad*. Bogotá, Colombia: Norema.
- Kovach, B. e Rosenstiel, T. (2004). *Elementos do Jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial.
- Leñero, V. y Marín, C. (1986). *Manual de Periodismo*. México: Grijalbo.
- Medel, M. (2010). *Periodismo en tiempos de amenazas, censura y violencia*. Austin, TX: Knight Center for Journalism- McCormick Foundation.
- Marques de Melo, J. (2003). *História social da imprensa*. Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS
- Noroeste. (2002). Código de Ética. Culiacán, Sinaloa, México: *Noroeste*. Recuperado em 4 de novembro de 2015 de <http://www.noroeste.com.mx/codigo-etica/>
- Olea, H. R. (1995). *La imprenta y el periodismo en Sinaloa, 1826-1950*. Culiacán, Sinaloa: UAS.
- ONUBR Nações Unidas no Brasil (2017). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Rio de Janeiro, UNIC: *Declaração Universal*. Recuperado em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>
- Secanella, P. M. (1996). *El periodismo político en México*. México: Prisma.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*, [2. ed.] Florianópolis: Insular.
- Yturbe, C. (2001). *Pensar la democracia: Norberto Bobbio*. México. UNAM.
- Wolton, D. (2005). *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus